

EUCLIDES CAVACO

Poeta e activista comunitário

Há homens que marcam a diferença pela sua sensibilidade para a escrita e a comunicação; outros distinguem-se pelo seu espírito de voluntariado e dedicação a causas de solidariedade, dando o seu tempo livre (e a sua vida) às comunidades onde vivem. Euclides Cavaco faz parte desses dois grupos, pois além de escrever poesia com tanta facilidade como fala ao microfone na rádio e na televisão, é também um activista comunitário em London, Canadá, desde o dia em que para ali emigrou, já lá vão mais de 30 anos. É também conhecido colaborador de jornais regionais portugueses, onde assina artigos de literatura, e autor do “Ecos de Poesia”, rubrica mensal de poesia distribuída via Internet.

Euclides nasceu em Seixo de Mira (Coimbra), mas cresceu e estudou em Lisboa, onde frequentou estudos superiores. Começou a escrever poesia muito cedo, revelando desde logo uma apetência nata para a rima. Ao mesmo tempo vai fazendo teatro e rádio, paixões paralelas a poesia. Nos anos 60 estagiou na Rádio Clube de Moçâmedes, em Angola, e depois de voltar a Lisboa dirigiu um grupo cénico e participou em vários programas de rádio na capital, ao mesmo tempo que continuava a escrever e a declamar poesia em casas de fado. É que, embora não cante, Euclides declama os seus poemas com a alma de um verdadeiro fadista.

Em 1970 parte à aventura para o Canadá, fixando-se em London. Aqui conclui o seu curso de formação profissional em gestão administrativa e inicia a sua já longa carreira de activista comunitário. Primeiro chamando a atenção dos poderes políticos para as necessidades desta comunidade, depois criando o programa de rádio “Voz da Amizade” (do qual ainda hoje é director na rádio Western) e o de televisão “Portuguese Nostalgia” com o objectivo de divulgar e promover a língua e cultura portuguesas nestas paragens. Esteve ainda na fundação do grupo “Saudades de Portugal”, da Banda do Espírito Santo, de um grupo cénico, da Portuguese Business and Professional Association e participou em inúmeras campanhas de angariação de fundos para causas comunitárias. É também o organizador de espectáculos culturais para a comunidade, que juntam poesia, teatro, música. Nos últimos anos escreveu as letras e dirigiu as gravações dos CDs de dois artistas locais, um no Canadá (Miguel), outro nos Estados Unidos (Mena Leandro), e foi um dos co-responsáveis pelo estabelecimento de uma representação do Consulado Português em London.

Em 2000, Euclides editou e publicou o livro de poesia “Pedaços do Meu País” e o ano passado o CD “Voz da Alma”, onde declama poemas seus acompanhados à guitarra portuguesa, em forma de fado.

A sua obra e grande dedicação à comunidade valeram-lhe já prémios e distinções honrosas, caso do diploma de honra do voluntarismo do Ministério da Cidadania Canadiana e da medalha condecorativa do governo federal do Canadá. Também a imprensa canadiana já destacou o seu trabalho comunitário: o London Free Press publicou em Maio de 2000 um extenso artigo sobre Euclides chamando-lhe o “Rei do pequeno Portugal”.



Euclides Cavaco autografando o seu livro

Mundo Português — Quando começou a escrever poesia? Lembra-se do seu primeiro poema? Foi publicado?

Euclides Cavaco — Comecei a escrever há muitos anos, andava ainda na escola elementar. O primeiro trabalho de que me recordo foi uma sátira de Carnaval, que fora então representada na escola. Naquele tempo a possibilidade de publicar, era honra que só per-

tencia aos Deuses. Eu, era muito simplesmente um menino de aldeia com a agravante de ser filho de gente humilde.

MP — O sr. é exímio na rima. Só escreve poesia desta forma?

EC — Sim, dou um certo jeito à rima, mas saber rimar não é propriamente ser poeta. Rimar é relativamente fácil, basta apenas ter alguns conhecimentos linguísticos. Escre-

vo em diversos estilos e formatos, poesia para todos os gostos. Contudo, ser poeta implica na sua essência algo de mais sublime. Ser poeta de verdade é saber transmitir, numa linguagem harmoniosa e doce, a terna magia dos sentimentos e da alma, dando por vezes vida e significância a tudo aquilo que nos rodeia, até ao próprio Universo, que também tem a sua dimensão poética.

Há trinta anos a servir as comunidades na rádio, na TV, na poesia, na música e na solidariedade

MP — O que é para si a poesia?

EC — Poesia é a VOZ DA ALMA, traduzida por quem ousa entender as suas mensagens mais íntimas a que vulgarmente se chama inspiração. O nosso Camões e outros grandes vultos de epopeias universais preferiram chamar-lhe ninfas.

MP — Como surgem as ideias para os seus poemas?

EC — Ninguém sabe ao certo quando e donde surgem essas ideias como lhe chama. A chamada inspiração é mais frequente acontecer num ambiente tranquilo e pacífico, mas sobretudo de silêncio. Diz a filosofia popular que às escuras as ideias são mais claras o que parece confirmar-se. O silêncio e o escuro das longas noites convida efectivamente os sentimentos do poeta a uma experiência de harmonia quase mistificada, que nem o próprio poeta por vezes sabe explicar. Acredito que seja talvez um dom.

Não gosto da palavra emigrante

MP — Porque emigrou para o Canadá? Como foram os primeiros anos? Hoje sente-se realizado, valeu a pena?

EC — Porque emigrei? Para lhe ser franco não gosto da palavra emigrante, não porque nela exista algum sentido perjurativo, mas sim pelo facto da forma com que a palavra é pronunciada por certas pessoas e até camadas sociais, que a proferem com certo negativismo, sobretudo carregada de desprezo e discriminação. Não tenho preconceitos e afirmar que por opção própria decidi estabelecer residência no Canadá, onde vivo condignamente felicíssimo há mais de 30 anos. Os primeiros anos foram de facto uma nova experiência de adaptação difícil, como aliás o são para quase todos nós. Eu, por saber línguas, tive entretanto a sorte de me empregar numa empresa de telecomunicações, que me deu a faculdade de poder paralelamente continuar os meus estudos académicos, o que ajudou gradualmente a ultrapassar algumas dificuldades iniciais, que foram de facto compensadas. Valeu a pena ter escolhido o Canadá.

MP — Como é a sua relação com Portugal?

EC — A minha relação com Portugal é excelente. Falo da Pátria Mãe, sempre com respeito e veneração. Escrevo e promovo as nossas coisas e a nossa gente com toda a minha capacidade. A prová-lo estão entre muitos, os meus trabalhos editados. O meu livro de poesia "Pedacos do Meu País" e o CD "Voz da Alma", de récitas e fados, que, só por si, são um tributo de dimensão maior que presto à nossa Terra Mãe.

MP — Para além do emprego que referiu nas telecomunicações, o que fez mais no Canadá?

EC — Foram diversas as actividades a que estive ligado desde que cheguei ao Canadá. Trabalhei nas telecomunicações CN/CP, estudei e depois liguei-me à indústria do turismo e mediação de propriedades. Fui Notário Público, fiz televisão e rádio, na qualidade de MC, promovi muitíssimos espectáculos. Sou ainda produtor e locutor do programa radiofónico "Voz da Amizade". Escrevo poesia para alguns jornais e revistas de expressão portuguesa e continuo a divulgar a língua e cultura portuguesa aos 4 cantos do mundo através deste maravilhoso meio de comunicação dos nossos dias que é a internet.

MP — O senhor é uma pessoa muito envolvida em actividades comunitárias. Porquê?

EC — Tenho na verdade uma ligação e fascinação peculiar pelas nossas coisas e pelos nossos valores intrínsecos, que são demasiadamente nobres para serem olvidados. Não só as nossas raízes históricas, mas a riqueza deste Povo que nós somos, devem continuar a ser divulgadas para manter sempre viva e acesa a chama Lusitana. Sinto muito orgulho em ser Português.

MP — Como caracteriza a comunidade portuguesa de London?

EC — É uma comunidade maravilhosa e acolhedora onde vivem cerca de 30.000 portugueses, que participam na vida activa da sociedade a quase todos os níveis, desde médicos, advogados, professores, profissionais e, nos mais diversos ramos da indústria, comércio e outras actividades laborais. Vale a pena conhecer a Comunidade Portuguesa de London. Aqui fica o convite.

MP — É uma comunidade culturalmente activa?

EC — Sim, as iniciativas e associações culturais desempenham também aqui um papel preponderante. Temos clubes, Igrejas diversas, Associações desportivas e culturais, Banda filarmónica, Irmandades, ranchos folclóricos, programa de rádio, jornal português e inúmeras outras coisas. No fundo podemos concluir que somos uma comunidade satisfatoriamente completa, quase sem carências.

Comunidades com carências

MP — O que pensa da política de apoio às comunidades dos nossos governos portugueses?

EC — Para ser franco, não gosto de elaborar sobre política e políticos. Acho que o meu tempo é deveras precioso para o consu-

mir a falar de coisas que considero subjectivas. Todavia sem querer ferir sensibilidades e, para responder à sua pergunta, penso que existem muitas carências de apoio às comunidades portuguesas. Pelo que me é possível constatar fizeram-se algumas coisas nos últimos anos, mas creio que se poderia ter feito muito mais. Há efectivamente muita estrada a percorrer.

MP — O que deveria ser feito?

EC — Quem sou eu para dizer o que deveria ser feito ou pedir algo aos nossos governantes. Saber pedir é uma arte onde sou pouco versado. Na minha análise, porém, posso referir que gostaríamos de ver concretizados alguns anseios. Nomeadamente uma prática de melhores serviços consulares sem tanta burocracia. Intervir para que a transportadora nacional ofereça um serviço condigno às comunidades portuguesas, particularmente à do Canadá, onde a transportadora nacional se dá ao luxo de nem sequer aqui vir. Mais informação disponível em todos os sectores, mais apoio aos portugueses que desejam regressar definitivamente e, mais reconhecimento aos nossos valores positivos, individuais e colectivos, existentes nas comunidades espalhadas pelo mundo que por vezes parecem passar despercebidos. Sobre este ultimo assunto, teria imenso a dizer.

Concluindo, gostaríamos ainda, de quando visitamos Portugal, não nos sentirmos discriminados por nada nem por ninguém, termos direito a ser acolhidos e tratados com o mesmo patriotismo tal como os residentes no território nacional, de forma a podermos continuar a cultivar sempre o mesmo amor constante à Pátria que nos viu nascer e, em qualquer parte do mundo nos sentirmos orgulhosos dela.

BALADA DO TEMPO

O tempo passa tão breve,
Quase como um sonho leve,
Fugindo sempre veloz.
Sem nunca ter sintonia,
Sua profunda ironia,
Faz calar a nossa voz.

E marca de solidão,
A quem viveu e que não,
Da vida tomou partido...
Que o tempo deixou passar,
Sem sequer realizar,
Que viveu sem ter vivido !...

Sempre a correr apressado,
Nunca quis ter desvendado,
O lugar onde se esconde !...
Não revela os seus segredos
E escorrega-nos dos dedos,
Fugindo não sei p'ra onde...

Tempo ingrato e sem idade,
De eterna fugacidade,
Agitado e pertinaz,
Tudo em nada desvanece
E lesto desaparece,
Sem sequer olhar p'ra trás !...

Euclides Cavaco

(Um dos poemas de Euclides Cavaco divulgado na sua rubrica semanal "Ecos de Poesia")